

PROGRAMA DE ÍNDIO

Seleção indígena joga pela paz

GILVAN RIBEIRO

O estádio do Pacaembu oferece hoje, a partir das 9 horas, um autêntico programa de índio. O 1º Encontro da Paz e do Respeito aos Povos Indígenas reúne diferentes etnias dos primeiros habitantes do Brasil para mostrar um pouco de sua cultura e chamar atenção para os problemas que as afligem. O ponto alto do evento é a partida entre a Seleção Brasileira Indígena e o time de juniores do Lousano Paulista, campeão da Copa São Paulo deste ano, às 11 horas, com entrada franca. Craques de diversas tribos do País, pintados a caráter, vão exibir sua arte com a bola nos pés e mostrar porque estão invictos há 12 jogos.

“Queremos combater o preconceito com a linguagem universal do futebol. Acabar com a idéia de que programa de índio é sinônimo de coisa ruim”,

explica o técnico Jair Evangelista, um cara-pálida que dirige a equipe há dois anos e meio. Ex-treinador do Anápolis e do Interporto de Tocantins, Jair percorreu as aldeias do Brasil para selecionar os melhores jogadores.

A etnia fulniô, de Águas Belas, no sertão de Pernambuco, predomina no time. Os jogadores desta tribo se orgulham de jogar futebol com habilidade e todos se apresentam como primos de Garrincha, que tinha ascendência indígena.

Pelo menos dois pataxós estarão em campo. Parentes do índio Galdino Jesus dos Santos, que morreu queimado por cinco adolescentes em Brasília, os jogadores Ednei, de 18 anos, e José Antonio Tibiriçá, de 21 anos, vão prestar homenagem, antes do jogo, ao mártir de seu povo que se tornou vítima da brutalidade urbana. “Esperamos sensibilizar a comunidade de po-

vos brancos para a nossa tragédia e conquistar a opinião pública para que haja justiça no julgamento dos assassinos”, afirmou José Antonio.

Na porta do estádio, serão colhidas assinaturas para enviar um protesto à juíza Sandra de Mello, que determinou o enquadramento dos algozes de Galdino no crime de lesão corporal grave seguida de morte, em vez de assassinato. “Nosso primo foi queimado vivo, enquanto dormia, sem chance de defesa”, lembrou João Antonio.

Em sua cruzada pelo País, a Seleção Indígena costuma conquistar as platéias por onde passa. Em princípio, normalmente o público leva o time na gozação. “Mas quando a bola começa a rolar, as pessoas gostam da qualidade do futebol e começam a torcer”, garantiu o técnico Jair.

Os índios reivindicam participação

Fotos: Manoel Guaranha

na próxima Copa São Paulo de Futebol Júnior, em janeiro. Eles escolheram como patrono o secretário municipal de Esportes, Oscar Schmidt, para ter um forte aliado nesta batalha. O retrospecto da Seleção Indígena é respeitável. Invicta nos 12 jogos realizados até agora, a equipe enfrentou adversários profissionais. Em Brasília, por exemplo, surpreendeu times da Primeira Divisão, como na vitória de 3 a 1 sobre o Guará, clube que disputou inclusive a Copa do Brasil, além do Dom Pedro (7 a 0), Planaltina (2 a 1) e Taguatinga (1 a 1).

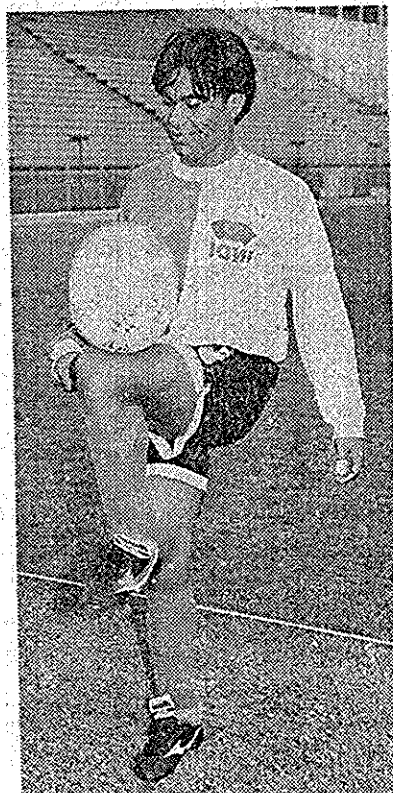
O presidente do Instituto de Desenvolvimento dos Povos Indígenas, Emídio Barros, está à procura de patrocínio para a equipe. Por enquanto, os jogadores não ganham salário. Eles recebem apenas ajuda de custo e alimentação, com apoio de governos estaduais e de um empresário de Blumenau.

Cachimbo é de lei antes das partidas

O cachimbo da paz rola solto antes das partidas da seleção indígena. O ex-lateral direito Erivaldo, um fulniô formado em contabilidade e que agora integra a comissão técnica, se encarrega de cultivar os costumes de seu povo durante as viagens pelo Brasil. Logo de manhãzinha, ele enche de fumo o chanduca — espécie de cachimbo fabricado com tronco de angico e taquara — e reúne os atletas de sua aldeia. Somente os fulniô participam do ritual. Eles procuram um lugar reservado, longe do técnico e dos outros jogadores, representantes das etnias xavante, pataxó, carajá, xerente, terena, kaingang, xambioá e pankararu, entre outras.

“Para nós, existe um sentido sagrado na reunião. Entramos em sintonia com Deus e pedimos proteção”, explica Erivaldo. Eles só conversam entre eles na língua iatê, um idioma isolado, incompreensível às outras pessoas. Muito unidos e religiosos, os fulniô fazem retiro espiritual durante três meses do ano. De setembro a novembro, os índios da tribo de Águas Belas se enfileiram na mata pernambucana para viver numa aldeia mais distante, onde podem se dedicar aos rituais sagrados.

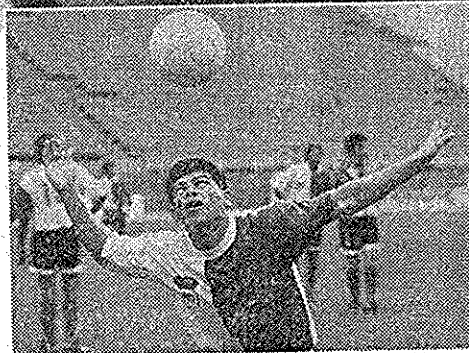
Ninguém conta o que se faz nesse período. Sabe-se apenas que não se pratica sexo, as mulheres dormem separadas dos homens e as bebidas alcoólicas são proibidas. “Lá é um lugar de respeito. Não existe TV, nem sequer luz elétrica”, relata Erivaldo. O capitão da seleção indígena, Essy-á, diz que uma maldição cairá sobre seu povo e provocará sua extinção, caso algum fulniô revele as atividades místicas a qualquer forasteiro.



Essy-á tem intimidade com a bola



Erivaldo (acima) fuma o cachimbo da paz para entrar em sintonia com Deus e o artilheiro Valdir mostra faro de gol



Matador sonha ser Ronaldinho

O artilheiro fulniô Flydjwa — ou simplesmente Valdir, na língua do homem branco — quer jogar na Europa e brilhar como Ronaldinho. Ele já marcou 12 gols pela seleção indígena, com média de um gol por partida, e faz planos ambiciosos. “Eu só preciso de uma oportunidade, pois futebol não me falta para me tornar um craque internacional”.

Fã de Ronaldinho, Valdir vê semelhanças entre seu estilo e o do astro da Internazionale de Milão. Embora seja um pouco mais baixo, com apenas 1m65, o

craque indígena destaca a velocidade como um ponto em comum. “A rapidez é minha maior arma. Difícilmente um zagueiro me alcança na corrida”.

Aos 17 anos, Valdir se diz pronto para desfilhar sua arte pelo planeta. “Agora já sinto coragem para morar em qualquer lugar do mundo.” Durante um treino no campo do Vila Nova de Gofas, ele despertou o interesse da diretoria do clube, mas a seleção indígena não o liberou, pois a proposta salarial não era compensadora.

No entanto, a seleção indígena já conta com alguns atletas profissionais. É o caso do capitão Essy-á, que começou a carreira no Sport Recife. Ele teve seu passe comprado pelo zagueiro Ricardo Rocha, ex-Seleção Brasileira, que o levou para o Olaria do Rio. Essy-á disputou o Campeonato Carioca deste ano com o nome de Índio. “Mas pouca gente sabia que eu era índio de verdade. As pessoas achavam que ganhei o apelido por causa da aparência”, relata.